

**MARIANA 1871**

RITTER, Angelica;  
SCHIO, Thalia;  
SANTOS, Geovana dos;  
LIMA, Aline de;  
SANTOS, Vera Lucia Vieira dos;  
WELCHEN, Dirce

## Resumo

O objetivo do texto é demonstrar a relação entre a obra "Mariana 1871", de Machado de Assis, e o direito. Pode-se observar uma proximidade entre a obra e a exploração do trabalho escravo no Brasil. No conto, Machado de Assis, conta a história de um romance impossível de Mariana, uma escrava nascida e criada como filha pela família de Coutinho, rapaz pelo qual Mariana se apaixona. O conto se passa no período imperial brasileiro, no ano em que foi criada a Lei do Ventre Livre, também conhecida como "Lei Rio Branco" foi uma lei abolicionista, promulgada em 28 de setembro de 1871 (assinada pela Princesa Isabel). (BRASIL, 1871). O conto "Mariana 1871" começa com o narrador, Macedo, voltando ao Rio depois de uma ausência de quinze anos. Ele encontra um grupo de amigos e começam a conversar sobre o passado. Em breve, um dos amigos, Coutinho, toma controle da voz narrativa da história para contar que a mulher que mais o amou em sua vida foi uma "cria de casa", referindo-se à Mariana, provocando imediatamente estranheza em seus amigos. Mariana era uma gentil mulatinha muito bem

tratada pela família de Coutinho, mas por ser escrava, sua condição social não permitia que ela se sentasse à mesa, nem que participasse de encontros em ocasião de visitas. Nesse trecho do conto, pode-se perceber como o sistema escravista limitava o direito de ir e vir dos escravos da época. Aproximadamente setenta anos depois do lançamento do conto, houve a criação do Decreto-Lei nº 2.848/40, Artigo 149, o qual prevê o crime de reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto. (BRASIL, 1940). O conto relata o desespero de Mariana por amar alguém com quem seria impossível se relacionar. Passam-se os dias e a união entre Coutinho e sua noiva Amelia se aproxima, quatro dias antes do casamento, Mariana foge e quando Coutinho e sua família se dão conta da fuga, começam uma caçada à procura da moça. O rapaz inicia sua procura por Mariana e chega ao hotel no largo de São Francisco de Paula para jantar, quando vê descer, do segundo andar do hotel, um criado com uma bandeja onde havia vários pratos cobertos. Coutinho despropositadamente começa a ouvir a conversa em que o dono do hotel fala para o criado que vai chamar a polícia, nesse momento, ele interrompe a conversa e pergunta ao dono do hotel, por que ele quer chamar a polícia, então, ele relata que uma moça misteriosa chegou ao hotel no dia anterior e não havia se alimentado até o momento. Coutinho pergunta os sinais da tal moça misteriosa e diz ao dono do hotel que sabe quem é a moça e que anda à procura dela, subiu ao quarto em que se encontrava Mariana, ela abre a porta e se lança nos braços dele, Coutinho rapidamente fala que não veio até ali para receber abraços e sim para buscá-la novamente. Mariana diz que não vai embora e que estaria disposta a tudo pela compaixão dele, Coutinho pergunta a ela, "até matar-te, talvez" a criada responde, "Talvez, sorrindo melancolicamente" e confessa que sua intenção seria matar-se na hora do casamento dele, ele decide levá-la de volta para casa, por meio de métodos mais severos, mas percebe que seria impossível e decide agir pelo meio heroico. Logo, sai correndo pelo corredor

atrás do criado e quando volta ao quarto, Mariana acaba de envenenar-se, após tomar o veneno, ela cai sobre a cama e diz para ele que sua intenção era matar-se depois de amanhã, mas que (Coutinho, apressou a morte dela). Mariana morre às 8 horas da noite daquele dia. Nesse trecho da história, pode-se perceber que Coutinho instiga e induz o suicídio de Mariana, instiga na parte em que ele reforça que levará ela "por meios mais severos" e induz na parte em que pergunta se ela estaria disposta a "matar-te talvez". Posteriormente ela também relata que Coutinho "apressou a morte dela". Com o desfecho da história, esse caso poderia ser caracterizado como crime contra a pessoa e crime contra a vida, de acordo com o Decreto-Lei 2848/40, Artigo 122 do código penal, o qual prevê crime, induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça. (BRASIL, 1940). Após o episódio, Coutinho relata o quanto sofreu com o acontecimento: "Tal foi, meus amigos, este incidente em minha vida. Creio que posso dizer ainda hoje que todas as mulheres de quem tenho sido amado, nenhuma me amou mais do que aquela."(ASSIS, 1871, p.12). Assim, conclui a sua narração, que foi ouvida com tristeza por todos.

## REFERÊNCIAS:

- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.
- BRASIL. *Código penal e Constituição Federal*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

E-mails:

angelica.gerenciamento@gmail.com  
schiothalia@gmail.com  
geovanat178@icloud.com  
stopagua327@gmail.com  
veravieira@yahoo.com